

UNIDADE DIDÁTICA XIII – GUERRA FRIA: DA BIPOLARIDADE À HEGEMONIA DOS EUA

1. A DIVISÃO DA EUROPA

A vitória na Segunda Guerra Mundial conferiu a EUA e URSS o status de potências. As relações entre os Aliados ocidentais e a URSS, tão bem estruturadas durante os combates, ao fim da 2ª GM passaram à quase beligerância. O primeiro desentendimento se deu por ocasião da divisão da Europa no pós-guerra. Enquanto EUA, França e Grã-Bretanha desejavam uma corrente de democracias livres, a URSS, temerosa de sofrer forte influência ocidental, pretendia controlar os países vizinhos, a fim de garantir sua própria segurança.

Logo surgiu a “Cortina de Ferro”, termo cunhado pelo ex-primeiro-ministro inglês Winston Churchill, que serviu para definir a queda dos países da Europa Oriental sob a influência soviética, com golpes de Estado que os subverteram ao comunismo.

Os EUA, desejando consolidar sua liderança, buscaram formas de atrair as nações europeias para o seu lado. A primeira forma de fazê-lo foi com o Plano Marshall, no qual bilhões de dólares foram despejados na Europa, a fim de financiar a reconstrução das nações devastadas, cujas populações sofriam com a falta de materiais básicos. Ressalta-se que, ainda durante a guerra, as nações aliadas se reuniram em Bretton Woods (EUA), para definir o futuro da economia mundial no pós-guerra e haviam definido que o dólar passaria a ser a moeda mundial, bem como seriam criadas duas instituições que serviriam como braços operacionais do Plano Marshall: o Fundo Monetário Internacional (FMI), e o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), que viria a se tornar parte do Banco Mundial, fundado em 1945.

O Plano Marshall ajudou as economias europeias a recuperarem o ritmo enquanto, politicamente, os EUA propuseram a formação de uma aliança militar para defesa em 1949: a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) que visava, além de legitimar a presença militar americana na Europa, criar uma rede de defesa contínua contra a ameaça representada pelo bloco comunista.

A União Soviética, temerosa com o poder representado pela OTAN, buscou realizar suas próprias alianças, que surgiram em 1955, com a organização do Pacto de Varsóvia, que incluía a URSS e as nações do Leste Europeu.

Para contrabalançar os efeitos do Plano Marshall, na Europa Ocidental, a URSS lançou o COMECON, para financiar os países do Leste Europeu num primeiro momento. Posteriormente, este grupo expandiu-se, recebendo diversos países comunistas do mundo, como Cuba e Vietnã.

Com a configuração das alianças em dois blocos, a Europa veio a se tornar um grande tabuleiro de xadrez, onde EUA e URSS movimentavam suas forças, deixando o mundo em permanente tensão. Um dos focos dessa tensão era a questão da Alemanha, especialmente o status de Berlim.

Tal como a Alemanha, Berlim foi ocupada pelos Aliados, e dividida em quatro zonas que logo deram lugar a uma cidade dividida, símbolo da Guerra Fria – Berlim Ocidental, com tropas americanas, inglesas e francesas, e Berlim Oriental, com tropas soviéticas.

As melhores condições de vida do lado ocidental e o afluxo de recursos para Berlim dos países ocidentais fizeram com que começasse a ocorrer uma grande migração de pessoas do lado oriental para o ocidental da cidade. Tal fato trouxe, como consequência, o Bloqueio de Berlim (de 24 de junho de 1948 a 11 de maio de 1949), que se tornou uma das maiores crises da Guerra Fria, desencadeada quando a União Soviética interrompeu o acesso ferroviário e rodoviário à cidade de Berlim Ocidental. A crise arrefeceu ao ficar claro que a URSS não agiria para impedir a ponte aérea de alimentos e outros gêneros, organizada e operada pelos Estados Unidos, Reino Unido e França. A URSS encerrou o bloqueio à 00h01 de 12 de maio de 1949. Contudo, a ponte aérea continuou a funcionar até 30 de setembro, pois os quatro países ocidentais preferiram criar um estoque de suprimentos em Berlim Ocidental para o caso de novo bloqueio soviético.

Diante da impossibilidade de deter o êxodo, os governantes de URSS e da Alemanha Oriental decidiram então por erguer um muro que dividisse a cidade e impedisse a circulação de pessoas entre Berlim Ocidental e Oriental. Em agosto de 1961, tropas do Exército Vermelho, do exército e polícia da Alemanha Oriental ocuparam a divisa entre Berlim Ocidental e Oriental e no dia 15, começou a construção das barreiras que dariam lugar a um dos maiores símbolos da Guerra Fria: o Muro de Berlim. Nos primeiros anos, uma cerca dupla de arame farpado com

aproximadamente 37 km de comprimento marcaria o lugar, com uma larga área vazia conhecida como a “terra de ninguém”. Até 1980, as cercas foram sendo substituídas por uma muralha de concreto, torres de vigia com metralhadoras, casamatas, obstáculos anticarro, patrulhas com cães, dentre outros, porém isso não deteve as tentativas de fuga de cidadãos da Alemanha Oriental para a Alemanha Ocidental. Estimativas tratam que 5 mil fugas foram bem-sucedidas, enquanto o número de pessoas que morreram tentando é estimado entre 136 e 200.

2 . A GUERRA FRIA

Guerra Fria é a designação atribuída ao período histórico de disputas estratégicas e conflitos indiretos entre os Estados Unidos e a União Soviética, compreendendo o período entre o final da Segunda Guerra Mundial (1945) e a extinção da União Soviética (1991).

A primeira fase da Guerra Fria ficou conhecida pela estratégia da contenção, empreendida pelos EUA, baseada em um entendimento de que a URSS buscava expandir seu poder por todo o mundo e deveria ser contida. A primeira demonstração da estratégia da contenção foi realizada pelo presidente americano Harry Truman, com a guinada na política externa americana, antes de cooperação com a URSS, para um forte sentimento e ações anticomunistas, o que se convencionou chamar de Doutrina Truman.

A Doutrina Truman foi inicialmente aplicada na Guerra Civil da Grécia, onde comunistas lutavam contra o Rei e o Exército. Os britânicos estavam dando suporte ao Rei, mas não puderam manter as suas forças no conflito, pois o governo britânico passava por séria crise econômica, o que o levou a retirar-se do conflito. Os americanos forneceram suprimentos e dinheiro, e o Exército esmagou as forças comunistas em 1949, encerrando três anos de uma sangrenta guerra que devastou a Grécia.

Outro exemplo disso foram as eleições da Tchecoslováquia em 1948, que acabaram vencidas pelos comunistas, que contaram com forte apoio das forças de ocupação soviéticas, e que não hesitaram em suprimir a oposição e financiar os esforços do Partido Comunista Tcheco.

Tal como um xadrez, EUA e URSS duelaram pela supremacia em diversos pontos do mundo e, embora a Europa fosse o principal campo de disputa das ideologias, os violentos choques que sacudiram o período se deram na Ásia.

A Península da Coreia havia sido dividida em Coreia do Norte, comunista, e Coreia do Sul, capitalista. Essa divisão se deu no pós-guerra, e rapidamente produziu um campo de batalha da Guerra Fria. Em junho de 1950, a Coreia do Norte invadiu a Coreia do Sul, visando anexá-la. Os EUA protestaram, e a ONU decidiu intervir para defender a Coreia do Sul.

A contraofensiva liderada pelas forças americanas, menores em número, mas com maior poder de fogo, devastou as forças norte-coreanas, que recuaram até a fronteira com a China, tendo as forças americanas ocupado quase toda a Coreia do Norte.

Diante do risco e do desejo de intervir no conflito, a China lançou suas forças, empurrando as tropas aliadas para o Sul, gerando um impasse que marcaria o período restante da guerra, com lutas em torno do paralelo 38, que demarcava a fronteira entre as duas Coreias e acabou se tornando uma zona desmilitarizada, servindo de divisa entre os dois países (armistício de 1953).

A guerra fez com que EUA e URSS aumentassem ainda mais a produção de armamentos e investissem em novas tecnologias a fim de serem usadas nos campos de batalha ou como recursos de dissuasão, tal como armas nucleares mais poderosas, sistemas de satélites de observação, carros de combate, entre outros. Os anos 50 vivenciaram uma corrida armamentista entre as duas superpotências, que logo passaram a equipar seus aliados, especialmente os que participavam das alianças militares OTAN e Pacto de Varsóvia.

O campo militar era apenas um dos pontos de disputa da Guerra Fria. EUA e URSS lutavam em todos os espectros possíveis da vida humana. Desde esportes, literatura e cinema, tudo poderia e estava inserido no contexto do conflito ideológico. Os americanos buscavam caracterizar a vida do cidadão no “mundo livre”, como era chamado o bloco liderado por estes, enquanto os soviéticos denunciavam as mazelas do capitalismo e buscavam demonstrar que a vida nos países socialistas era de alta qualidade.

Os americanos defendiam a democracia e as liberdades individuais para os cidadãos de um país, bem como a livre iniciativa na economia e a competição entre os trabalhadores de forma a atingir a riqueza através do trabalho, a despeito do

desemprego e problemas sociais graves, como pobreza e fome, em países influenciados pela política americana.

Já os soviéticos possuíam uma sociedade fechada e fortemente controlada pela ditadura do Partido Comunista, que era o único partido do regime. A liberdade de expressão e imprensa não existiam, e a censura oficial transmitia os pensamentos e ações do governo aos cidadãos que, caso manifestassem a menor discordância, poderiam ser mandados para campos de trabalhos forçados (“*Gulags*”) na Sibéria ou regiões longínquas. Milhões de cidadãos foram enviados a esses campos e não retornaram.

Em 1962, ocorreu o evento que atingiu o ápice na Guerra Fria: a Crise dos Mísseis em Cuba. Após uma bem-sucedida revolução em 1959, Fidel Castro havia se instalado no poder em Cuba e enfrentou severa hostilidade dos EUA, encontrando apoio na URSS, que em 1962 passou a instalar mísseis na ilha, com capacidade para transportar ogivas nucleares, o que expunha e deixava praticamente indefeso o território dos EUA. A URSS praticava este ato em resposta à instalação de mísseis americanos na Turquia, que ameaçavam seu território.

Os americanos rapidamente descobriram o fato e realizaram um bloqueio naval de Cuba, fazendo com que o mundo ficasse a beira da guerra nuclear, pois os soviéticos não davam sinais que cederiam às pressões americanas. Por uma semana a tensão continuou, até que os soviéticos decidiram recuar e retirar os mísseis da ilha, de acordo com promessas americanas de que Cuba não seria invadida e os mísseis americanos seriam retirados da Turquia seis meses depois.

Um dos maiores problemas da crise era o de que não havia comunicação direta entre o presidente dos EUA e o premiê da URSS, o que dificultou muito as negociações. Além disso, o nível de tensões havia sido tal que as duas superpotências concordaram em buscar a redução das tensões por meio de acordos para reduzir arsenais nucleares e iniciativas para a coexistência pacífica.

A URSS sentia o forte peso que o investimento em defesa e no seu arsenal nuclear tinha dentro de sua combalida economia, que enfrentava uma estagnação pesada. Ao invés de continuar crescendo, como no período de Khrushchev, a economia soviética perdeu o ritmo e acabou por influenciar negativamente as economias do Leste Europeu, que também estagnaram, por serem fortemente dependentes da soviética.

No caso dos EUA, a economia americana estava severamente atingida pelos custos da Guerra do Vietnã, com os programas sociais que foram expandidos pelo presidente Lyndon Johnson, assim como pela corrida espacial, com a chegada da Apollo XI à Lua em 1969.

A Guerra do Vietnã, ou Guerra Civil do Vietnã, ocorreu entre 1959 e 1975, com envolvimento americano inicial com envio de consultores militares para as forças do Vietnã do Sul. Como no caso das Coreias, o Vietnã, após a independência da França (conseguida com a batalha de Dien Bien Phu, em 1954), havia sido dividido em dois, ficando o Vietnã do Norte sob esfera comunista e apoiado pela China e pela URSS, e o Vietnã do Sul sob influência americana.

Em 1965, o presidente Lyndon Johnson decidiu pela intervenção e emprego de forças americanas no conflito, chegando ao montante de 543 mil militares em combate em 1968.

Nesse ano, ocorreu a Ofensiva Tet, por parte dos vietnamitas do norte. Apesar do fracasso militar e pela vitória dos sul-vietnamitas e norte-americanos, essa ofensiva representou uma derrota política dos EUA, pois deu grande força ao movimento antiguerra nos EUA, tirando o apoio ao governo da opinião pública, pelo número elevado de mortos no conflito.

Somente com a eleição do presidente Richard Nixon, as forças americanas começaram a deixar o Vietnã, em 1973. Este fato contribuiu para a derrota do Vietnã do Sul em 1975, com a conquista de Saigon pelo Vietnã do Norte, e a posterior reunificação do Vietnã.

Quase três milhões de norte-americanos serviram no Vietnã. Entre 1965 e 1973, os Estados Unidos gastaram 123 bilhões de dólares com a guerra e a ajuda econômica ao Vietnã do Sul, o que resultou num grande déficit no orçamento federal do país. A guerra demonstrou que nenhuma potência, mesmo sendo uma superpotência, era capaz de dispor de força e recursos ilimitados. Mas talvez mais significativamente, a guerra do Vietnã demonstrou que a vontade política, talvez mais que o poder material, é o fator decisivo no resultado de um conflito.

Para os Estados Unidos, a Guerra do Vietnã resultou na maior confrontação armada em que o país já se viu envolvido, e a derrota provocou a 'Síndrome do Vietnã' em seus cidadãos e sua sociedade, causando profundos reflexos na sua cultura, na indústria cinematográfica e grande mudança na sua política exterior, até a eleição de Ronald Reagan, em 1980.

A participação crescente dos EUA na Guerra fez com que surgisse na América um forte movimento contra a guerra, quando se lançou o movimento "Paz e Amor" (*Peace and Love*), rejeitando o projeto da Grande Sociedade do Presidente Lyndon Johnson. A partir de então tomou forma o movimento da contracultura - chamado de movimento *hippie* - que teve enorme influência nos costumes da geração dos anos 60, irradiando-se pelo mundo todo. Praticamente toda a grande imprensa também se opôs ao envolvimento. Surgiu entre os negros os Panteras Negras (*The Black Panthers*), um expressivo grupo revolucionário que pregava a guerra contra o mundo branco americano da mesma forma que os vietcongues. Passeatas e manifestações ocorriam em toda a América. Milhares de jovens negaram-se, pela primeira vez na história do país, a servir no exército, desertando ou fugindo para o exterior.

A vitória comunista teve ainda consequências para os vizinhos. Camboja e Laos também foram dominados por regimes comunistas violentos, sob inspiração do Vietnã do Norte. Em função da supremacia do Vietnã na região, atritos vieram a ocorrer com a China, devido à repressão de minorias étnicas chinesas naquele país, levando inclusive a uma rápida guerra de fronteira, onde os dois lados se dizem vitoriosos.

3. A UNIÃO SOVIÉTICA

O mês de Novembro de 1917 sacudiu o mundo com o surgimento de um novo país no corpo do antigo Império Russo: a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Liderada por Lenin, a URSS enfrentou um período difícil em seus primeiros anos. A morte do líder, em 1924, levou ao poder a figura que se tornaria a mais emblemática da URSS na Guerra Fria: Joseph Stalin.

Chegando ao poder, Stalin passou a empreender, à sua maneira, o projeto de poder bolchevique, entrando em choque com diversas lideranças da Revolução. A voz que logo se tornaria a maior oposição a ele era a de Leon Trotsky, que discordava do princípio de revolução em um só país, defendido por Stalin, e advogava a revolução permanente em todo o mundo.

Stalin estava determinado a manter seu controle do partido e do próprio Estado soviético, e recorreu a métodos violentos para tal. Durante seus anos no

poder, numerosos foram os expurgos em diversos setores, vitimando milhares de pessoas.

Os primeiros anos de Stalin no poder foram bastante conturbados. As políticas encetadas por Lenin tinham demonstrado resultados, porém, insuficientes para manter a economia da URSS funcionando adequadamente. Baseado no princípio da revolução em um só país, governando de forma totalitária, Stalin lançou o primeiro plano quinquenal, que preconizava uma pesada industrialização e a coletivização da agricultura.

Houve resistência à política de coletivização por parte de diversos produtores rurais, e logo a fome se fez presente, vitimando milhares de pessoas, gerando uma reação brutal do governo, que lançou uma campanha contra os produtores, conhecidos como “*kulaks*”, resultando em milhões de mortes.

A brutalidade dos confrontos e a existência de milhares de presos políticos enviados para os *Gulags*, acarretaram abalos sociais. Pressionado, Stalin respondeu com uma repressão ainda maior, eliminando diversos bolcheviques, que figuravam nos altos círculos soviéticos desde a Revolução de 1917. O Exército Vermelho e a Marinha, a “Frota Vermelha”, também sofreram com os expurgos, perdendo muitos de seus generais, almirantes e oficiais. Tais expurgos cobraram seu preço na Segunda Guerra Mundial, pois muitos oficiais capazes haviam sido executados.

Os grandes expurgos terminaram em 1938, enquanto a industrialização forçada começava a demonstrar resultados dentro da economia soviética. A invasão alemã, na Segunda Guerra Mundial, em junho de 1941, produziu um severo choque para a URSS, que teve boa parte de seu território devastada, bem como milhões de mortes civis e militares.

Com a vitória em 1945, apesar de devastada pela guerra, a URSS emergia como uma superpotência, logo entrando em choque com os EUA, na Guerra Fria. Os soviéticos não estavam dispostos a recuar da posição em que se estabeleceram ao final da guerra e guiaram sua política com a finalidade de aumentar sua influência, não somente na Europa, mas em todo o mundo.

Em 5 de março de 1953, morre Stalin, e um período de agitação ocorre na cúpula soviética, até que Nikita Khrushchev assume o poder e denuncia Stalin e seus crimes no 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, iniciando o período de “Desestalinização”, promovendo uma abertura do sistema político que Stalin havia implantado na URSS.

A Desestalinização refere-se ao processo de eliminação do culto da personalidade e do sistema político stalinista criado pelo líder soviético Joseph Stalin. A desestalinização começou tecnicamente em 1953 após a morte de Stalin, mas não era oficial até 1956, após o discurso secreto de Nikita Khrushchev, então secretário do Comitê Central da União Soviética, e liberado após o XX Congresso do PC da URSS.

Com sua morte, Stalin foi sucedido por uma liderança coletiva. O processo de desestalinização começou com um fim ao papel do trabalho forçado em grande escala na economia e com a libertação dos prisioneiros dos *Gulags*.

A movimentação de Khrushchev para expungir a influência da esfera pública de Stalin continuou em finais da década de 1950. Seus esforços foram marcados pela remoção do nome de Stalin das cidades, dos monumentos e instalações que tinham sido nomeados ou renomeados em homenagem a ele; o processo de desestalinização atingiu o pico durante o XXII Congresso do Partido Comunista da União Soviética de 1961. Dois atos de desestalinização marcaram as reuniões: a primeira em 31 de outubro, quando o corpo de Stalin foi removido de seu mausoléu na Praça Vermelha e enterrado, e a segunda em 11 de novembro, quando a "cidade heroica" de Stalingrado foi renomeada para Volgogrado.

4. O COMUNISMO BUROCRÁTICO NO LESTE EUROPEU

Os países do Leste Europeu foram liberados pelos soviéticos na Segunda Guerra Mundial. A libertação rapidamente se tornaria ocupação, pois os soviéticos, temerosos por sua própria segurança, procuraram garantir controle sobre os países vizinhos.

No pós-guerra, os soviéticos implantaram diversas repúblicas comunistas, controlando os processos políticos através do COMINFORM, que se tornou um braço da política externa do stalinismo. O COMINFORM organizou e disciplinou, para a tomada do poder, os partidos comunistas de Hungria, Bulgária, Checoslováquia, Romênia e Polônia. Por volta de 1948, todos estes países já haviam adotado regimes comunistas ou estavam em vias de se tornarem estados comunistas.

Também faziam parte do COMINFORM os partidos comunistas de Iugoslávia, França e Itália. Os iugoslavos logo abandonaram o grupo, pois a Iugoslávia, comandada por Tito não se alinhou com as diretrizes de Stalin.

COMINFORM é o nome comum dado ao órgão que se chamava oficialmente de "Burô de Informação dos Partidos Comunistas e de Trabalhadores", ou seja, "setor de informação comunista". Foi fundado em setembro de 1947, numa reunião em Szklarska Poreba, na Polônia, para congregar partidos comunistas europeus. O encontro foi convocado por Stalin em resposta a divergências entre os governos do Leste Europeu quanto a comparecer ou não à conferência do Plano Marshall em Paris, em julho de 1947. A sede inicial do COMINFORM era em Belgrado, mas, após a expulsão da Iugoslávia do grupo, em junho de 1948, a sede foi transferida para Bucareste. O propósito do COMINFORM era coordenar ações entre partidos comunistas sob orientação soviética. Como resultado, o COMINFORM agia como ferramenta da política externa da URSS. O COMINFORM possuía seu próprio jornal (cujo título, em português, significava: Pela Paz Duradoura, pela Democracia Popular!), e encorajava a unidade dos partidos comunistas do mundo. O COMINFORM foi dissolvido em 1956, após a reaproximação soviética com a Iugoslávia.

A Iugoslávia foi expulsa da organização por acusação de titoísmo. O titoísmo, conhecido internamente como socialismo autogestionário, é a tendência do comunismo aplicada por Josip Broz Tito na Iugoslávia durante seu regime, entre 1945 e 1980. O titoísmo ficou conhecido por ser uma forma muito mais "branda" de regime socialista, combinando a economia estatizada com diversas liberdades civis. Embora originalmente o termo tenha sido inventado pelos stalinistas no final dos anos 1940 como sinônimo de socialismo pervertido e deturpação ideológica, os próprios titoístas acabaram por adotá-lo, com certo orgulho, para designar o tipo de socialismo "leve" implantado na Iugoslávia.

Entre 1948 e 1956, todos os estados da região foram marcados por políticas extremamente ligadas ao stalinismo. Com a morte de Stalin, lideranças progressistas surgiram, como na Hungria, e com elas as ideias de abertura dentro do fechado sistema comunista. A Hungria experimentava um ciclo de liberdade jamais visto dentro do socialismo até então.

Em 1º de Novembro de 1956, o governo húngaro anunciou a decisão de sair do Pacto de Varsóvia, seguindo demonstrações antissoviéticas da população. Os

soviéticos, que no início estavam vendo com bons olhos as reformas, decidiram pela intervenção, pois enxergavam que a Hungria estava a um passo de sair do Bloco Oriental. Forças soviéticas ocuparam o país, e rapidamente esmagaram a revolução, ocasionando milhares de mortes. O premiê húngaro foi executado, para servir de exemplo aos outros países comunistas.

A brutal repressão na Hungria apenas demonstrou que, mesmo com o fim do stalinismo, Moscou não toleraria questionamentos de sua autoridade e flexibilização no sistema comunista, nem aceitaria mudanças que pudessem ameaçar o regime. Assim, todos os países comunistas regrediram a um modelo mais fechado, inclusive com a queda de Khrushchev e a ascensão de Brezhnev, em 1964.

Brezhnev era conservador e formulou a “Doutrina Brezhnev”, que previa a intervenção da URSS e de outros países comunistas em qualquer país comunista que “estivesse em direção à substituição do socialismo pelo capitalismo”.

Apesar desse fechamento, alguns regimes conseguiram gerenciar as pressões de Moscou e atender a algumas demandas populares. A própria Hungria, anos após a revolução fracassada, começou a experimentar certa liberdade para seus cidadãos. A Alemanha Oriental, apesar de possuir uma liderança ligada a Moscou, garantiu sistemas sociais que fizeram com que possuísse os melhores índices sociais dentre todos os países comunistas.

Porém, a possibilidade de garantir maior liberdade de Moscou influenciou governo da Tchecoslováquia. Grupos pró-democracia e favoráveis a uma política independente da URSS assumiram o poder e, em 1968, ocorreu o movimento conhecido como “Primavera de Praga”, onde tentativas de democratização foram feitas, porém esmagadas por uma invasão conjunta dos países do Pacto de Varsóvia. Dessa vez, os soviéticos perceberam que apesar da dura repressão, não seriam capazes de voltar ao modelo anterior, e permitiram mudanças moderadas na Tchecoslováquia e em outros países do Bloco Oriental, sendo essa a política que guiaria os passos posteriores do bloco, até a queda do comunismo em 1991.

5. REVOLUÇÃO E COMUNISMO NA CHINA

A China enfrentava um difícil período no século XX, que só piorou com a chegada da Segunda Guerra Mundial. Além de sofrer com as diferenças entre

nacionalistas e comunistas, a invasão japonesa a partir da Manchúria devastou o país. Milhares foram mortos pelos japoneses, que massacraram as populações das regiões ocupadas.

Com o fim da guerra, as hostilidades entre comunistas e nacionalistas chegaram ao ponto de conflito aberto, ao contrário das escaramuças no pré-guerra. Os comunistas, liderados por Mao Zedong, ou Mao Tsé Tung, conseguiram suplantar os nacionalistas, que contavam com apoio norte-americano, capturando sua capital em janeiro de 1949. Em outubro do mesmo ano, Mao declarou a fundação da República Popular da China. Fugindo dos comunistas, Chiang Kai-shek e o que sobrara do Kuomintang, o partido nacionalista, refugiaram-se em Taiwan e lá fundaram a República da China, também conhecida como Formosa.

Os primeiros anos da China comunista foram difíceis, pois Mao desejava mudar o panorama de país rural e atrasado para uma moderna sociedade comunista. As falhas sucessivas dos planos econômicos fizeram com que Mao decidisse pela política do “Grande Salto em Frente”. Foi uma campanha lançada por Mao Tsé-Tung, que pretendia tornar a China uma nação desenvolvida e socialmente igualitária em tempo recorde, acelerando a coletivização do campo e a industrialização urbana. O primeiro plano, inflexível, fez aumentar a superfície cultivada e o aumento da produção agrícola no país. O segundo incentivou a industrialização. A iniciativa foi um desastre econômico, resultando em cerca de 20 milhões de mortes, em decorrência da fome, pois, devido à busca da industrialização a qualquer custo, a agricultura foi penalizada.

Entre 1953 e 1958 houve o primeiro plano quinquenal chinês (reforma agrária, educação obrigatória e formação de cooperativas), em que foi formada a parceria com a URSS, governada por Nikita Khrushchev, na importação de tecnologia. Porém, durante o período da Guerra Fria, chamado de coexistência pacífica, Nikita fez uma visita aos Estados Unidos, provocando um rompimento de suas relações com Mao Tsé-Tung. Esse plano representou, para a economia chinesa, o afastamento definitivo do modelo socialista soviético.

Por volta de 1966, Mao decidiu reafirmar seu poder, lançando a Revolução Cultural. O objetivo seria banir as influências burguesas que, segundo Mao, ainda persistiam na sociedade pós-revolução. Em nome do regime, milhares de obras de arte, santuários e locais históricos foram destruídos, em um fato que depois veio a ser condenado pelo próprio Partido Comunista.

Com a morte de Mao em 1976, a China testemunhou algumas modificações, embora ainda não fossem profundas. Em 1981, Deng Xiaoping assumiu a liderança da China e lançou as reformas que mudaram o país, criando o ideal de “um país, dois sistemas”, lançando o modelo que o país utiliza até hoje: sistema político comunista e economia capitalista.

6. A REVOLUÇÃO CUBANA

Por um longo tempo no século XX, Cuba foi apenas mais uma das “repúblicas de bananas” da América Central, sujeitas a intervenção constante dos EUA. A sua relativa proximidade com os Estados Unidos fazia com que o vizinho do norte interviesse constantemente na política cubana, direta ou indiretamente.

Fidel Castro, um jovem advogado vindo de uma rica família cubana, fez oposição ao governo ditatorial de Fulgêncio Batista, apoiado pelos EUA, que havia transformando o país em uma quase-colônia, chegando inclusive a fazer de Cuba um lugar seguro para o dinheiro das máfias americanas.

Castro, cuja atuação política vinha desde a formação universitária, decidiu por atacar o governo de Batista e, a partir de 1953, empreendeu uma campanha guerrilheira crescente, que ganhou o apoio de outros grupos descontentes.

Com habilidade, Castro bateu as forças do Exército cubano, que estavam mal equipadas e mal treinadas. Além disso, boa parte dos oficiais foi expurgada por Batista, que tinha medo de ser derrubado por um golpe militar. Durante a campanha das forças do “Movimento Revolucionário 26 de Julho”, o nome do grupo guerrilheiro de Castro, destacaram-se várias figuras como Raúl Castro, Ernesto “Che” Guevara, Camilo Cienfuegos e Huber Matos, logo chamados “Heróis de Sierra Maestra”.

Em janeiro de 1959, ao ver o colapso de seu regime, Batista fugiu, e a Revolução Cubana, vitoriosa, adentrava as ruas de Havana no dia 8. Castro assumiu o governo e logo realizou uma guinada rumo ao comunismo, recebendo rapidamente apoio soviético e, em consequência, ações americanas visando isolar Cuba na América Latina.

O regime dependeu fortemente do apoio soviético para poder se estabelecer e comprar o açúcar produzido por Cuba. Em 1962, a instalação de bases de mísseis soviéticos na ilha gerou a Crise dos Mísseis e as relações com os EUA ficaram ainda

mais complicadas. Desde então, Cuba viveu sob um pesado embargo de comércio que enfraquece muito a economia do país, ligada totalmente ao auxílio da URSS.

As complicadas relações com o vizinho do norte, os EUA, fizeram com que Fidel fosse alvo de diversas tentativas de assassinato empreendidas principalmente pela CIA, a Agência Central de Inteligência americana. As remessas de dólares eram controladas pelo governo bem como a revolução fez com que muitos cubanos das classes médias e alta fugissem para os EUA, fundando em Miami uma comunidade cubana anticastrista, tão resistente ao comunismo implantado na ilha que tomou parte em diversas tentativas de derrubar o regime, como a fracassada invasão da Baía dos Porcos, em 1961, ou as diversas tentativas de se criar grupos de resistência dentro de Cuba.

Após a Crise dos Mísseis, em 1962, Cuba viveu o permanente temor, em especial Castro, de uma invasão americana, embora durante a crise os americanos tenham dado aos soviéticos a garantia de que não invadiriam a ilha.

Nas décadas subsequentes, Cuba e EUA assinaram alguns acordos. Apesar de não manterem formalmente relações diplomáticas, os dois países mantêm missões dentro das embaixadas da Suíça, que realizam funções consulares quando necessário.

Com a queda da URSS, a situação econômica da ilha se complicou. O país está lentamente se recuperando de uma séria recessão econômica que se seguiu à retirada dos subsídios da antiga União Soviética (cerca de 4 a 6 bilhões de dólares anuais em 1990).

Com a crise financeira e a avançada idade da cúpula dirigente do regime, ocorreu um grande debate na comunidade internacional sobre o futuro de Cuba. O afastamento de Fidel Castro do governo é um estímulo para a reaproximação da ilha com a comunidade internacional.

Os EUA aprovaram leis a favor da transição democrática na ilha, visando aumentar a pressão sobre o regime, mas até o momento Cuba tem se mostrado irredutível em sua opção socialista de governo. Analistas creem que uma real mudança só tomará lugar após a morte de Fidel Castro, enquanto outros apontam que com as reformas empreendidas por Raúl, já esteja ocorrendo uma transição no poder em Cuba.

Em 2009, a suspensão de Cuba da Organização dos Estados Americanos foi revogada, sendo estabelecida uma série de normas de respeito aos direitos

humanos e ao regime democrático para seu retorno integral. Até o momento, o governo cubano não demonstrou interesse em alterar o seu *status quo* para retornar à OEA.

7. OS PAÍSES NÃO-ALINHADOS

No contexto do mundo bipolar, diversos países não desejavam se submeter nem à política da URSS nem aos EUA. A única forma desses países buscarem espaço em um mundo bipolar e obterem condições de coexistência seria com a formação de um bloco de Estados, que pudesse defender seus interesses.

O Movimento dos Países Não-Alinhados (MNA) é um movimento que reúne 115 países (em 2004), em geral nações em desenvolvimento, com o objetivo de criar um caminho independente no campo das relações internacionais e que permita aos membros não se envolverem no confronto entre as grandes potências.

Na década de 1950, Gamal Abdel Nasser, presidente do Egito, Jawaharlal Nehru, primeiro-ministro da Índia, Sukarno, presidente da Indonésia, e Tito, presidente da Iugoslávia, deram início ao Movimento dos Não-Alinhados, durante a Conferência Ásia-África em 1955, na cidade de Bandung, na Indonésia, onde dirigentes de 29 países, quase todos ex-colônias dos dois continentes, reuniram-se para debater preocupações comuns e coordenar posições no campo das relações internacionais.

No encontro, líderes do então chamado Terceiro Mundo puderam compartilhar as suas dificuldades em resistir às pressões das grandes potências, em manter a sua independência e em opor-se ao colonialismo e ao neocolonialismo. Um dos principais temas da conferência foi a corrida armamentista entre os EUA e a União Soviética. Nessa Conferência de Cúpula foi estabelecido oficialmente o Movimento, sobre uma base geográfica mais ampla, principalmente novos estados independentes. Da América Latina, o único país participante como membro na primeira conferência foi Cuba.

Após a conferência, o movimento ganhou força, embora diversas nações tenham sido mais tarde palco de enfrentamentos da Guerra Fria, como golpes de estado e guerras com participação direta ou indireta das superpotências. A própria Indonésia, sede da primeira conferência, sofreu um golpe de estado, depondo o

presidente, então um dos governantes integrantes do movimento de não-alinhamento.

A tentativa de se construir uma aliança coesa tal como a OTAN ou o Pacto de Varsóvia foi dificultada muitas vezes pela ação dos próprios membros do grupo. Exemplos de tal expediente foram diversos, como a guerra entre Índia e Paquistão.

Embora nunca tenha sido membro, o Brasil acompanha os trabalhos do Movimento na qualidade de observador.

Os objetivos da política de não-alinhamento, definidos desde a primeira conferência, conhecidos como os Dez Princípios de Bandung, são:

- respeito aos direitos humanos fundamentais e aos objetivos e princípios da Carta das Nações Unidas;
- respeito à soberania e integridade territorial de todas as nações;
- reconhecimento da igualdade de todas as raças e a igualdade de todas as nações, grandes e pequenas;
- abstenção de intervir ou de interferir nos assuntos internos de outro país;
- respeito ao direito a defender-se de cada nação, individual ou coletivamente, em conformidade com a Carta da ONU;
- abstenção do uso de pactos de defesa coletiva a serviço de interesses particulares de quaisquer das grandes potências;
- abstenção de todo país de exercer pressões sobre outros países;
- abster-se de realizar atos ou ameaças de agressão, ou de utilizar a força contra a integridade territorial ou a independência política de qualquer país;
- solução pacífica de todos os conflitos internacionais, em conformidade com a Carta da ONU;
- promoção aos interesses mútuos, à cooperação e o respeito à justiça e às obrigações internacionais.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARRUDA, José Jobson de A. **Atlas histórico básico**. 17. ed. São Paulo: Ática, 2007. 48p.

ARRUDA, José Jobson de A.; PILETTI, Nelson. **Toda a História: História Geral e História do Brasil**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2007. 728 p.

KOSHIBA, Luiz; PEREIRA, Denise Manzi Frayze. **História do Brasil no contexto da história ocidental**. 8. ed. São Paulo: Atual, 2003. 602 p.

FERREIRA, Jorge. O socialismo soviético. In: REIS FILHO, Daniel Aarão *et all* (org.). **O Século XX: O tempo das crises**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 79-108.

SANTOS, Ana Maria dos. América Latina: dependência, ditaduras e guerrilhas. In: REIS FILHO, Daniel Aarão *et all* (org.). **O Século XX: O tempo das dúvidas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 65-95.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. A Guerra Fria. In: REIS FILHO, Daniel Aarão *et all* (org.). **O Século XX: O tempo das crises**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 195-226.